

MERCOSUL E A INTEGRAÇÃO UNIVERSITÁRIA:
PERSPECTIVAS E PROBLEMAS

ROBERTO MILANDA CHINALHA¹

CHINALHA, R.M. MERCOSUL e a integração universitária: perspectivas e problemas. *Semina: Ci. Soc./Hum.* Londrina, v. 19/20, n. 3, p. 3-7, set. 1998/1999.

RESUMO: O presente artigo tem por finalidade mostrar o papel das universidades, que constituem-se em recursos básicos na viabilização do processo de integração entre os sistemas de ensino superior dos países envolvidos e incentivar uma abordagem crítica do processo de integração universitária através do MERCOSUL, apontando suas perspectivas e problemas.

PALAVRAS-CHAVE: MERCOSUL; integração-universitária; ensino superior; perspectivas e problemas.

INTRODUÇÃO

Hablas español? A pergunta é feita insistentemente por um comercial veiculado pela televisão brasileira nos últimos meses. Não é por acaso que o mercado das escolas de idiomas estrangeiros vem se agitando no Brasil, abrindo novas turmas e vagas para cursos de espanhol, até então uma língua que não provocava muito interesse entre os brasileiros, geralmente mais envolvidos com os aprendizados de inglês e francês.

Não é necessário nenhuma vocação para descobrir o motivo desse súbito interesse pelo idioma espanhol. Tudo se deve ao fato de que em janeiro de 1995 entrou em vigor oficialmente o Mercosul, que constitui-se um fenômeno ajustado de tempo. Ele surge com o propósito de realizar a integração acelerada de economias nacionais da região, com participação do Brasil e Argentina (desde 1986) e a incorporação do Uruguai e Paraguai mediante o Tratado de Assunción de 1991.

O MERCOSUL consiste num conjunto de acordos bilaterais e regionais que dispõem sobre a livre circulação de bens serviços e fatores produtivos; a eliminação dos direitos alfandegários e restrições à circulação de mercadorias; a coordenação de políticas macroeconômicas e de setores nos Estados participantes; e a harmonização

das legislações nas áreas pertinentes ao processo de integração econômica.

Não apenas as escolas de idiomas se agitam. A indústria brasileira em geral vive dias de expectativa e discute formas de aumentar a produtividade e as vendas. No setor médico a movimentação é grande. Empresas do ramo hospitalar, hospitais, planos de saúde e escolas, oferecem cursos e definem estratégias de ação que acompanhem esses novos tempos de intercâmbio comercial.

Na área educacional a movimentação é de expectativa, principalmente quando enfocamos sob o prisma de que as instituições ocupadas com ciência e tecnologia e formação de recursos humanos, fatores estratégicos de desenvolvimento no mundo contemporâneo; as universidades constituem-se em recursos básicos neste processo de integração. Seria de se esperar, por isso mesmo, que elas fossem contempladas sólidas e sistematicamente no bojo das políticas que visam à consecução do MERCOSUL.

1. O MERCOSUL E A INTEGRAÇÃO UNIVERSITÁRIA:
PERSPECTIVAS E PROBLEMAS

Na América Latina estão sendo planejadas

¹ Bacharel em História Política e com especialização em História Social, ambos pela Universidade do Sagrado Coração - Bauru.

rearticulações político-econômicas quanto à nova ordem mundial. No caso o MERCOSUL, que representa 59% da superfície da América Latina, 43% de sua população, a metade de seu PIB e um terço de seu comércio exterior. Cabe resgatar a concepção de que a integração não está restrita ao mercado econômico, mas articulada aos aspectos socioeducacionais que possibilitam tal integração.

Vários estudos estão sendo realizados para integração econômica, mas faz-se necessário um exame de viabilidade da integração entre os sistemas de ensino superior dos países envolvidos frente a concretização e a priorização do enfoque integracionista econômico presente no MERCOSUL, e uma futura construção de uma rede de conhecimentos entre pesquisadores e docentes universitários.

Uma das preocupações da administração acadêmica, diz respeito à questão latino-americana de ensino que neste momento de transição econômica e social por qual os países do Cone Sul vem enfrentando a problemática da integração universitária.

O processo histórico a cumprir é longo e passa pela adequação das universidades ao objetivo comum, sem que entretanto, se esmaguem ou descaracterizem as respectivas identidades nacionais, mas implica num processo de acumulação e rearticulação das relações existentes. Cabe a todos docentes e pesquisadores, dimensionar e avaliar a realidade histórica, econômica, política e social; só se alcançará este patamar de êxito, em função de que, depende em grande parte do sucesso da integração, isto é, da cooperação para o fortalecimento da transformação produtiva e da vantagem competitiva no cenário internacional.

Este êxito aqui referido é a questão da interdisciplinariedade, que só será efetivamente integradora quando ultrapassar o isolamento entre as diferentes áreas do conhecimento e da investigação, promovendo uma incessante troca de informações desvendando novas realidades e constituindo em programas de benefícios mútuos, simplificando a mobilidade entre instituições e desenvolvendo estruturas, aumentando assim os benefícios.

A proposta é a construção de um modelo cosmopolita de ensino superior (Kerr, 1990, p. 45) onde professores e estudantes aprendem o que almejam, sem referência a uma nacionalidade

específica, produzindo e trocando experiências e conhecimentos. Uma proposta que busca promover a mobilidade de estudantes e a cooperação acadêmica entre os países envolvidos como é o caso do *ERASMUS*, European Action Scheme for the Mobility of University Students, da Comunidade Econômica Européia, que em síntese procura estabelecer programas interuniversidades, as quais deverão providenciar uma estrutura para operações de mobilidade de estudantes e professores, seguido de um programa de apoio financeiro para sustentar o intercâmbio de estudantes e posteriormente o reconhecimento de diplomas e de períodos de estudo no exterior. (Morosini, 1994, p. 23)

Temos que ressaltar que apenas um percentual (10%) de todos estudantes participaram desta proposta em fase inicial e posteriormente o percentual será elevado gradualmente. Contaremos também com outros projetos, programas, ações semelhantes ou complementares que serão desenvolvidos. Juntamente com projetos específicos que objetivaram a melhoria de treinamentos, via educação superior, principalmente em busca de tecnologias novas, abrindo assim o leque do aprimoramento acadêmico.

Embora tenham apresentados obstáculos ao incremento da cooperação, principalmente a carência de assistência financeira, restrições de imigrações, a variedade de línguas, diferenças no ano acadêmico, nas variações dos cursos e nos sistemas universitários, é preciso primeiramente a promoção do processo que consiste na formação da consciência cidadã, favorável à integração sendo embasada juntamente com os profissionais das áreas do trabalho, justiça e educação. Não esquecendo que a educação superior deverá concorrer com outras prioridades maiores da integração.

2. A COOPERAÇÃO UNIVERSITÁRIA: SEUS LIMITES E POSSIBILIDADES

Da perspectiva da cooperação e integração dos sistemas universitários, pode-se dizer que no plano acadêmico, o da produção de conhecimento e formação para a pesquisa, a integração de instituições universitárias é, com todas as dificuldades, muito mais fácil do que no plano de

formação de profissionais. No primeiro caso valem-se as instituições universitárias do seu espaço próprio de autonomia face a sociedade, para encontrar as possibilidades de contornar as diferenças.

Quando se trata de integrar as Universidades no tocante à formação de profissionais para a sociedade reduz-se o espaço de decisão das próprias instituições. Mantendo o atual quadro é possível afirmar que a cooperação institucional na região deve ficar restrita à exploração de oportunidades educacionais por estudantes de países menos desenvolvidos no sistema de ensino superior mais diferenciado e moderno na região. Por exemplo, a procura de vaga no sistema brasileiro por estudantes paraguaios que terá uma gama de informações maiores, elevando sua grade de conhecimentos e oportunidades, já no caminho inverso, o brasileiro em escola paraguaia, terá as mesmas ou até um retrocesso em informações e oportunidades. Não cabe aqui discutir as diferenças culturais, mas apenas perceber a linha mestra educacional entre dois países.

Isto não significaria, no entanto, o aprofundamento das opções de cooperação acadêmica entre estes países. Por outro lado, é importante reconhecer que a simples ampliação dos recursos de fomento à cooperação na região não dá garantia de uma cooperação realmente proveitosa. É preciso que se crie, em suma, interesse mútuo entre os parceiros na região e se propicie o trabalho continuado.

A qualificação de recursos humanos está envolvida no cumprimento das metas do plano econômico, financeiro e político que estará criando as condições para o surgimento de um mercado comum de trabalho na região. Isto implicará a eliminação de barreiras nacionais ao exercício profissional para cidadãos dos Estados da região e suporá o reconhecimento ou a equivalência dos processos de qualificação e formação de recursos humanos. De qualquer modo, mesmo sem a implantação de um mercado comum de trabalho que assegure o livre exercício profissional na região é evidente a contribuição das instituições universitárias para o estabelecimento de padrões e condições minimamente homogêneos no esforço de qualificação de recursos humanos na região.

A instituição universidade, atualmente necessita ser repensada, discutida e reformulada, em seus pilares educacionais, para que venha

atender aos projetos nacionais, de uma viabilização educacional e social abrangente ao contexto de nossa realidade.

Porém, lembremos que a comunidade universitária brasileira divide-se em dois segmentos: os conservadores tradicionalistas que acreditam que a universidade não necessita de mudanças, não vêem razão para buscar sintonizar a universidade com as necessidades e interesses da sociedade. Preocupam-se apenas com o seu trabalho do campus universitário, formando-se uma elite isolada e sem compromissos com as necessidades sociais.

Já o segundo segmento, o de conservadores revolucionários consideram que as mudanças, já foram realizadas e que a universidade já está sintonizada com seus reitores eleitos diretamente. Os níveis salariais e a falta de verbas, provoca a perda de qualidade em suas produções acadêmicas e desprezo pela sociedade que deveria receber o serviço de seu trabalho. Consideram-se a vanguarda e donos da verdade, defendendo a democracia apenas para si mesmos, sem um compromisso com a sociedade.

Nos países europeus as universidades estiveram vinculadas aos interesses nacionais, sem ruptura entre comunidade universitária e a população em geral. No Brasil, desde sua formação universitária, temos uma sociedade segregada e dependente, atendendo aos interesses internacionais, aos quais a minoria da população brasileira está integrada.

Foi entre 1920 e 1964, a universidade recém formada, viveram um momento de razoável identidade com o povo. E partir daí e até 1964, outra vez a elite intelectual pôde manter todos os seus privilégios, ao mesmo tempo que se mostrava uma vanguarda a serviço do povo.

A universidade deve estar na vanguarda da luta por uma soberania que priorize a definição de seus objetivos para a realidade social e não que se ocupe da criação de uma ilusão de modernidade que só interessa a elite. Juntamente com o compromisso do trabalho, e com a comunidade aberta a um intenso debate com constantes buscas na participação da democratização do conjunto da sociedade, é que a mudança esperada por todos só ocorrerá, quando os espaços acadêmicos, até então restritos ao meio universitário, começarem a abrigar o diálogo e as

trocas de experiências entre os diferentes graus de ensino, deixando de ter a universidade como único local social do saber.

Para a universidade renovar-se conforme as propostas anteriores, será necessária uma reforma em sua estrutura. É preciso que a estrutura universitária crie mecanismos para enfrentar os problemas reais, gerando profissionais especializados para atender também os problemas reais da sociedade, como questões de energia, fome, analfabetismo, etc.

Para que as reformas ocorram, a universidade deve submeter-se, ela própria, à sua educação. A própria consciência da crise, faz da universidade a instituição social com mais condições de dar o salto de sua postura segregacionista a uma postura integracionista com um compromisso com o futuro, de todos.

Isto quer dizer, que antes de se organizar para integrar o Mercosul, as universidades, devem estar preparadas e abertas para mudanças de infraestrutura, para que sobrevivam diante da integração no MERCOSUL.

CONCLUSÃO

A visão de integração ressalta em especial, as vantagens da economia de mercado. Tem entre suas imagens a construção de parcerias bem sucedidas entre empresas dos diferentes países, a introdução de produtos da indústria brasileira nos países vizinhos (produtos estes que estariam sendo bem aceitos), mostra vantagens de balança comercial, valoriza elementos populares da cultura televisiva do Brasil, etc.. Sob o ponto de vista da imprensa, a integração é boa e necessária. As diferenças e impasses serão solucionados e não impediram a integração dos mercados. Os empresários estão exportando, os governos aceitarão as tarifas e nós estaremos, vivendo no primeiro mundo, sem fronteiras. Para que serve esta visão favorável da integração? Serve para convencer a opinião pública brasileira.

Será possível integrar economias que estão vivenciando compassos diferentes? E o tamanho e complexo dos parques industriais, é possível comparar o brasileiro com o argentino e o uruguaio? E as diferenças históricas e “desconfianças”, que

datam desde a colonização, quando espanhóis e portugueses disputaram territórios palmo a palmo? E as escolas militares, muitas vezes inimigas históricas (e que seu imaginário está enraizado no seio da população). E como fica a expansão populacional, a invasão da língua, as idéias expansionistas brasileiras (expansão de rodovias, aeroportos, ganho diplomático de territórios). E em caso de guerra, o país maior dizimaria os pequenos territórios? E a experiência do imperialismo e da ditadura, que tanto marcou governos por longos períodos?

A integração nos outros países é antes vista, como ameaça do que como vantagem. A desejada integração seria talvez com o Primeiro Mundo. Mesmo porque o confronto entre ricos e pobres se constitui na guerra prevista para o século XXI e obviamente, estar junto aos poderosos será fator de resignação de forças. Uma segunda resposta que mostraria o interesse maior é do grande capital, para o qual as fronteiras devem estar abertas, pois a expansão dos mercados constitui uma salvaguarda nesta fase de reorganização mundial.

O capitalismo reordenado vem seguindo um processo de produção e reprodução da vida social e vai manter suas funções através do vínculo forte entre controle simbólico, campo cultural e educação formal (Bernstein, 1990, p. 131) assegurando reprodução cultural de qualquer forma. Esta lógica encobre, uma trajetória de desenvolvimento baseada na especulação, novos produtos, novas tecnologias, novos espaços e localização, novos processos de trabalho (trabalho familiar, microempresa, participação do trabalhador, círculos de qualidade, estratégica, etc.) (Harvey, 1993, p. 37)

Contraditoriamente, por não possuímos todo o domínio do conhecimento e da tecnologia mais avançada, precisamos da integração. Não apenas da proposta de mercados de integração, pois esta, desacompanhada da integração cultural, seguramente imporá sacrifícios maiores aos nossos povos. Sem dúvida como se demonstra pela situação das Universidades, em maior ou menor grau, a reordenação, a pressão da nova ordem econômica mundial já se fazem sentir. Precisamos entender que o processo pode ser avassalador se não for enfrentado simultaneamente nas dimensões econômica, política e sociocultural.

CHINALHA, R.M. MERCOSUL and the university integration: perspectives and problems. *Semina: Ci. Soc./Hum.* Londrina, v. 19/20, n. 3, p. 3-7, set. 1998/1999.

ABSTRACT: *The purpose of this article is to show the role of the universities which are the basic resources in the viability of the integration process among the higher education systems of the developed countries as well as to stimulate a critical approach of the university integration process by means of MERCOSUL, showing its perspectives and problems.*

KEY WORDS: *MERCOSUL; university integration; higher education; perspectives and problems.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNSTEIN, B. *The Structuring of Pedagogic Discourse: Class, Codes and Control.* London: Routledge, 1990.

HARVEY, D. *Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural.* São Paulo: Loyola, 1993.

KERR, C. The internalisation of learning and the nationalisation

of the purposes of higher education: two laws of motion in conflict? *European Journal of Education*, v. 25, n. 1, 1990.

MOROSINI, M.C. Universidade e Integração no Mercosul: condicionantes e desafios. In: MOROSINI, M.C. (Org.) *Universidade no Mercosul.* São Paulo: Cortez, 1994.